

# Gosto pela ilegalidade

**O**díficil entendimento entre os sacoleiros que formam a Feira do Paraguai e os poderes públicos, tanto do Distrito Federal como da União, conduz a conclusões pouco usuais. O absoluto desencontro entre o Executivo e o Legislativo e a limitada atenção que se dá aos aspectos legais da questão, reforçam o aspecto insólito desses acontecimentos que evidenciam especialmente a extrema sensibilidade que os políticos de Brasília mostram às pressões populares.

**A** resistência dos feirantes à transferência de seu comércio para local próximo à Ceasa parece ter menos a ver com a mudança e mais com a legalização da atividade. O Governo do Distrito Federal coloca à disposição deles área tão ampla

que, com seus 70 mil metros quadrados, pode ser calculada em medida agrária, sete hectares. E se compromete a, em 15 dias, urbanizá-la e dotá-la de uma infra-estrutura não disponível no estacionamento do Estádio Mané Garrincha, com redes de água, esgotos e energia racionalmente distribuídas.

**E**nquanto a Câmara Distrital aprova projeto que os mantém no lugar que atualmente ocupam, os feirantes sofrem justas pressões, que em parte sobram para o GDF, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Ministério Público e da Receita Federal. Correndo por fora, entram na briga as entidades que representam a indústria e o comércio locais, dispostas a aliviar

seus associados, principalmente o comércio estabelecido, de uma concorrência aguerrida e evidente.

**N**a essência da disputa comercial, legal e administrativa, persiste a vontade dos feirantes de se beneficiarem com a ilegalidade de sua atividade. A proposta do GDF de que formem uma sociedade anônima, através da qual possam importar mercadorias a preços competitivos, embora pareça uma solução consistente, não consegue aglutinar toda a categoria. Otimisticamente, o Governo garante que a idéia já conta com 700 adesões, num universo de 1.265 feirantes cadastrados. Os quase 600 desinteressados pela proposta é que parecem capazes de alimentar toda a discórdia.